

O MUNDO POÉTICO ANTERIANO

Nelly Novaes Coelho

«O nôvo mundo é tôda uma alma nova
Um homem nôvo, um Deus desconhecido.»

(*Odes Modernas* — p. 115)

Perante a poesia de Antero de Quental que, ao lado da de Camões e de Fernando Pessoa, representa um dos pontos mais altos da poesia portuguêsã, sentimos sempre uma sensação de abismo. A visão problemática que suscita é extremamente completa. É preciso que a penetremos lenta e longamente, para que os seus contornos se delineiem e adquiram individualidade. Só então nos daremos conta de que ali estão, admiravelmente entrosados, temas eternamente buscados pelo homem. De extremo a extremo, através de vibrante expressão poética, vemos desdobrarem-se e dissolverem-se pensamentos, às vezes, na aparência, divergentes ou contraditórios, mas na verdade poderosamente conjugados e vivificados por um princípio que se percebe fecundo e imutável: o individualismo generoso do poeta projetado no plano universal.

E é principalmente em *Odes Modernas* (poemas escritos entre 1863 e 1865 e publicados neste último ano) que, nos parece, temos mais definida a marca “anteriana” de sua poesia, mesmo porque expressam elas “a revolução espiritual do poeta, a nova imagem do mundo que se delineara, o nôvo conceito ativo de vida e os novos meios artísticos.” 1.

Antero deve ter sido uma dessas almas sensíveis, inquietas, vibráteis, sempre distendidas numa interrogação, sempre

(1) Fidelino de Figueiredo — *Antero S. Paulo*, Coleção “Departamento de Cultura» vol. XXVI, 1942, p. 69.

insatisfeitas com as respostas obtidas, almas privilegiadas que iluminam o que tocam, embora nem sempre possam iluminar a si mesmas.

“Aspiração... desejo aberto todo
Numa ânsia insofrida e misteriosa...
A isto chamo eu vida...”

(O. M. — p. 109)

Nesses versos de “Panteísmo” podemos ver condensado todo o drama de sua alma de poeta: um “desejo aberto”, uma “ânsia insofrida e misteriosa”, como sinônimos de vida, devem ter sido realmente as molas desencadeantes das suas ações, dos entusiasmos e depressões de seu espírito e da sua poesia.

Sentindo intensamente a vida em suas manifestações interiores e exteriores, Antero, através da supersensibilidade dessa “aspiração” ao saber profundo, foi impelido continuamente às indagações, à meditação, ao doloroso sofrimento de conceber e dar à luz um mundo diferente daquele que o rodeava.

Viveu Antero numa época em que a nação portugueza atravessava a tremenda crise provocada pelo romantismo liberal, cuja revolução vitoriosa no âmbito político-econômico-religioso, viu desfiguradas nos resultados as suas mais sinceras e legítimas reivindicações. Destruída a estrutura social, política e religiosa da velha nação jesuíta, os homens viram-se à mercê das paixões partidárias, mesquinhas e interesseiras, resultantes da inorganicidade da revolução que havia conjugado “a grandeza generosa das aspirações” com a “indeterminação das idéias.” 2.

Assim, o mundo herdado por Antero foi o construído pelo Romantismo Liberal que tinha suas bases na esfera sentimental da vida humana e que na sua ação combativa social já possuía os germes daquela nova revolução que ia ser empreendida pelos realistas.

(2) Antero de Quental — “Lopes Mendonça” in *Prosas*, v. II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, p. 302.

Antero avaliou perfeitamente os méritos e as debilidades da geração que o precedera, e a justificou plenamente:

“Tais foram os resultados da evolução romântica. Mas a geração que a preparou e a consumou não podia prever tais resultados. (...) Talvez, nunca a história registre-se uma tão completa catástrofe saída dum tal concurso de belos sentimentos, de elevados intuítos, de personalidades brilhantes e heróicas.» 3

O movimento liberal fracassara em sua aplicação prática, mas teve o mérito de ser um degrau a mais na marcha evolutiva da humanidade; além de preparar o caminho para a geração realista em cujo seio nasceu a poesia anterior.

*
* *
*

Lendo-a, sente-se que o Poeta ia muito além do que, simplesmente, “compreender” a dor e o aturdimento do seu povo: êle o sentia na própria alma, na própria carne; pois era a sua dor, a sua dúvida, o seu sofrimento que via multiplicado ao infinito na humanidade tôda. E dessa projecção do seu “eu” no “universal”, deve vir aquela extraordinária fé no valor intrínseco do ser humano, aquêlo amor largo e generoso pela humanidade, aquela íntima comunhão com o sofrimento alheio que caracteriza a sua poesia.

Dessa projecção de sua individualidade, tão rica em virtudes morais, no âmbito universal teria resultado a estrutura superiormente moral do homem anterior, tão diverso, por exemplo, do que nos apresenta o seu contemporâneo Guerra Junqueiro, em **A Morte de D. João** e em **A Velhice do Padre Eterno**. Obras, produtos da mesma época, que nos dão duas visões do mundo totalmente diversas.

Ao lado daquela capacidade de amor e integração no próximo, um outro sentimento se delineia, ora impreciso, ora nítido: a **solidão íntima**. Embora compartilhando das dores e

(3) — *Ibidem*, p. 303.

aspirações alheias, o Poeta deveria ter a sensação de não ser compreendido nem amado. A cada momento, da sua poesia sobe à tona essa atmosfera de solidão.

“Como esta geração caminha só!”

(O. M. — p. 99)

E percebemos facilmente que não é só a geração que caminha só, é o próprio Poeta que sente em torno a si a profunda solidão, e sofre e deseja rompê-la e êsse desejo expande-se em súplica:

“Irmãos! Irmãos! amemo-nos agora!”

(O. M. — p. 101)

Sua súplica, entretanto, não parece ter sido atendida, pois tôda sua poesia está virgem de amor realizado e prenhe de solidão; debatendo-se continuamente entre duas realidades humanas: os **homens desarvorados**, sem rumo certo, sem as antigas tradições e crenças e os **poetas**, os iluminados pela verdade que devem conduzir os homens perdidos à “Pátria Misteriosa”, fim supremo da Aspiração. Antero dirige-se ora a uns ora a outros, sem se integrar em nenhum dêles, afirmando-se sempre personalisticamente na primeira pessoa do singular: EU. Um EU quase sempre claramente expresso e muitas vêzes em maiúsculas. Nas raras vêzes em que a primeira do plural é usada, o é em tom de súplica.

Dá-nos êle, assim, a impressão de que é um espectador diante do drama universal; não um espectador indiferente ou meramente curioso do desenrolar dos fatos, mas sim, vibrante e apaixonado, uma espectador que comunga com o espetáculo, que vive intensamente com as personagens e naufraga integralmente nas dores e necessidades alheias. Dêsse naufrágio fecundo brota a sua poesia, profunda como um instinto primitivo, violenta e impetuosa como a revolução a que visava como objetivo último.

*

* *

Na infância e adolescência, antes do período “negativis-

ta” da Universidade, Antero fôra plasmado por uma educação doméstica e religiosa, inteiramente orientada pela tradição e pelos dogmas; educação que lhe deixou na alma inquieta e sensível profundas raízes. Entrando para a Universidade, seu pensamento ávido de saber, levado pelas correntes filosóficas afluídas de tôdas as direções da Europa, despojou-se da carga dos dogmas e tradições, substituindo-os pela análise e independência de espírito.

Havia-se desfeito a sua **unidade espiritual**; tinha início o drama íntimo que suas poesias revelam.

**"Também sei o que é dor — e como as lágrimas
Saem arando o peito!**

**O que é inclinar-se um triste, às tardes,
Sôbre gastas ruínas!**

(...)

**E ver-se só no mundo e como errante...
(Crepúsculo das almas)**

**Perdida a fé antiga, e ainda obscuros
O Deus e os cultos novos!**

O desejo de reencontrar o primitivo equilíbrio psíquico, mesmo a partir de novas bases, deve ter sido o elemento-causa, a origem de suas atitudes desconcertantes, ora de dúvida, ora de ânsia e entusiasmos, ora de profunda tristeza. Numa busca incansável, Antero conheceu alternadamente a **euforia** do espírito, que logra haver encontrado sua plenitude em presença duma verdade integral, e o abatimento suscitado pela dúvida da verdade encontrada.

Debatendo-se entre as contínuas mutações e evoluções do espírito filosófico e sentindo neste, talvez, a impotência de fixar princípios absolutos que satisfizessem inteligência e sentimentos, Antero apurava seus dons intelectuais e ao mesmo tempo sobrecarregava de sofrimento o seu viver moral.

Assim, procurando o equilíbrio perdido, mergulha nas sendas filosóficas de Hegel, Proudhon, Renan, Michelet, etc. “Não tivesse sido êle um verdadeiro artista”, comenta Fidelino

de Figueiredo, “e ter-nos-ia deixado uma obra filosófica em prosa” 4. Mas poeta como o foi, cristalizou o seu drama em poesia. Daí, o vemos, como uma das facêtas mais preciosas e positivas de seu talento, essa que nos revela o quão hàbilmente Antero conseguiu transfigurar em sínteses poéticas as suas ricas e complexas experiências de vida. Ele mesmo o diz em um trecho da carta autobiogràfia que dirige a Wilhelm Stork em 1887:

«Estimo êste livrinho dos **Sonetos** (dos quais muitos se acham incluídos em **Odes Modernas**) por acompanhar, como a notação dùm diário, as **fases sucessivas da minha vida intelectual e sentimental**. Ele forma uma espécie de autobiogràfia de um pensamento e como que as “memórias de uma consciência.” 5.

Sua poesia é, pois, a expressão poética do seu mundo interior de homem inteligente e de artista; seus versos são o fiel documento de uma vida dedicada ao estudo e à meditação e não meras expressões de um talento poético. Fruto de uma profunda sinceridade e de uma sensibilidade marcada pelo amor ao universo e pela solidão íntima, a poesia de Antero, entretanto, não pode ser classificada como poesia lírica, pois não é lirismo puro, dirigida como o foi por sua fecunda inteligência. Será antes uma poesia intelectualizada. Sua inspiração não tinha raízes **apenas** em visões interiores ou exteriores, mas acima de tudo no **fim** que tinha em mira, numa direção pré-estabelecida.

Daí o percorrermos suas **Odes Modernas** de ponta a ponta e nelas não encontrarmos uma única imagem plástica, uma única imagem representativa da natureza estática. Tudo que a representa: sol, árvores, terra, montes, ventos, dia, noite, templos, tronos, mármore, etc. se sucede na poesia, vivificado por um halo poderoso que os eleva à categoria de sêres em plena vivência ou em plena destruição.

(4) Fidelino de Figueiredo — *História da Literatura Realista*, vol. V das *Obras Completas*. São Paulo, Editora Anchieta, 1946.

(5) Manuel Bandeira — “Prefácio” — *Sonetos Completos e Poemas Escolhidos*. Rio de Janeiro, Edições Livros de Portugal, p. 40.

Suas imagens poéticas não são plásticas e descritivas, mas resultados concretos de idéias. Cada uma visa atingir a perfeição de uma verdade e não a fria limitação das linhas de um contorno; são verdadeiramente expressões de um mundo interior e não, impressões da realidade exterior. “Paisagem interna; paisagem espiritual”, foi o perfeito rótulo que lhes deu Fidelino de Figueiredo (um dos primeiros críticos que mais amplamente penetrou na poesia anterior) ao concluir que “Antero em tôda a sua carreira artística e filosófica só expressou um pessoal panorama da vida e do universo, que viveu a estilizar o mundo para uso próprio e a procurar a expressão desse estilo...” 6.

O vento, por exemplo, imagem tão usada pelos poetas, assume em Antero uma feição enigmática:

“Ouve-o rugir por essas praias, quando,
Feito tufão, se atira das montanhas,
Como um negro Titão, e vem bradando...
Que imensa vozê que prédicas estranhas!
E como freme com terrível vida
A asa que o libra em extensões tamanhas!

Ei-lo, o Ancião-dos-dias! ei-lo, o Santo,
Que já na solidão passa orando,
Quando inda o mundo era negrume e espanto!

(O. M. p. 27)

Aí está o vento personalizado, humanizado, imenso poder que precedeu à criação; surgindo como o símbolo da libertação e oscilando entre uma dimensão temporal e uma espacial.

“Ele viu o Princípio (...)
Encarou o Inconsciente face a face
Quando a Luz fecundou o Tenebroso.”

(O. M. p. 27)

Mergulhando numa dimensão não-espacial, o vento anterior dá-nos a sensação de eternidade, pois antecedeu ao próprio Princípio. Seria, talvez, a inconsciente necessidade do Poeta de encontrar um elemento eterno, cuja origem seu intellecto

(6) Fidelino de Figueiredo — Antero, p. 73.

não precisasse explicar, tal como era o Deus transcendente cristão, que êle renegara e que lhe deixara um vazio irremediável no espírito.

O gemido da descrença escapa do peito do poeta ao se encontrar longe da face de Deus:

«È que o lírio da Fé já não renasce:
Deus tapou com a mão a sua luz,
E ante os homens velou a sua face!»

(O. M. p. 55)

Perdida a antiga fé no Deus eterno e onipotente, tôda a estrutura de valores morais nêle fundamentados começa a ruir também. Extremado negativista, o poeta extravasa em poesia todo seu arroubo destruidor de crenças antigas e da fé cristã.

“Os cultos com fragor rolam partidos;
E em seu altar os deuses cambaleiam;
(...)

Os nossos Imutáveis ei-los idos
Como as chamas no monte, que se ateiam
Na urze sêca e a aragem ergue um momento.
(...)

Que é dos santos, dos altos, das grandezas,
Que inda há cem anos adoramos todos?
As verdades, as Biblias, as certezaas?

Limites, formas consagrados modos?
O que temos de eterno e sem enganos,
Deus — não pode durar mais que alguns anos!”

(O. M. p. 39)

*

* * *

Dolorosa experiência deveria ter sido para Antero a destruição da fé no Deus cristão e a procura de um substituto que preenchesse o vácuo deixado.

“O nôvo mundo é tôda uma alma nova
Um homem nôvo, um Deus desconhecido.”

(O. M. p. 113)

Essa luta destruidora da crença divina, travada no círculo da razão e da sensibilidade, deixou profundas marcas na

poesia de Antero. É com dificuldade que tentamos rastreá-las, descobrindo ora uma vereda, ora outra para chegarmos a uma conclusão. Antero não encontrava na filosofia um substituto para o Deus renegado, daí sua tentativa de introjetar Deus no homem e na natureza.

Transplantou, assim, a essência divina para o espírito humano e analógicamente para a natureza. Aquêlê Princípio eterno continua existindo, mas não transcendente como o Deus dos dogmas e sim, imanente, como sinônimo de fôrça geradora da vida.

Por essa senda, no meio do ardor negativista, o Poeta deslumbra-se com a descoberta de um elemento que lhe pareceu ser a chave do enigma:

Não sabendo quem é, chamou-lhe Idéia.»
«Nós vimos êsse Deus e a nossa bôca

É um “oásis” de paz e otimismo, a princípio vago e indefinido, depois firmando mais os contornos e já tendo um nome: o Ideal Humano identificado com a VERDADE. A Verdade aparece súbitamente como o supremo e luminoso vértice do universo, e é comparada a um “mar-oceano” infinito na sua grandeza e cujas ondas simbolizam a **liberdade**.

Antero cria um nóvo Deus: a Verdade, uma Verdade determinada pela grandeza interior do Homem. Entretanto, só êsse nome não satisfaz a sua ânsia de paz e as indagações continuam. A meditação e o estudo vão enfileirando vários e novos aspectos dêsse Princípio Absoluto, cujas raízes Antero mergulha no próprio espírito humano. E afinal o que o Poeta obtém, realmente, são apenas roupagens variadas com que vai vestindo o Deus que renegara e que, inconscientemente, introjetara no Homem e na Natureza. Idéia, Verdade, Justiça, Alma Infinita, Universal Espírito, Impulso Universal são alguns dos aspectos dêsse princípio eterno, ao qual o Poeta não consegue dar uma visão nítida e definida. E sua impotência, para

plasmar êsse Ser Supremo, enche-o de desalento que se extravasa aqui e ali:

«Mas a Idéia quem é? quem foi que a viu.
Jamais, a essa encoberta peregrina?
(...)

E, entanto, ó alma triste, alma chorosa,
Tu não tens outra amante em todo o mundo
Mais que essa fria virgem desdenhosa!»

(O. M. p. 58)

Há momento, pois, em que o ardoroso revolucionário intelectualista, que se agita no Poeta, deixa-se abater e volta-se para soluções transcendentais; chegando à conclusão de que “na impossibilidade de penetrarmos absolutamente, totalmente, até ao fundo do problema da existência — ainda assim a humildade do coração nos aproxima mais da verdade do que o orgulho da inteligência. Ora, desprezar o mundo, desprezar os homens, ver o vácuo e o tédio como resíduo final de tudo, é grande pecado de orgulho.” 7.

Pecado que Antero fugiu sempre de cometer em suas labirínticas reflexões. De indagação em indagação, de sofrimento, a cada instante, uma nova solução sobe-lhe das entranhas mais profundas da alma:

«Desgraças o que são? o que é o pranto?
Se a flor da Fé nas solidões extremas
Brotar, e a crença bafejar a vida...
É nossa, é nossa a Terra-prometida!»

(O. M. p. 60)

O remanso almejado da paz e da felicidade só é alcançado pela FÉ e não pela razão (solução intelectualista que seria de esperar de reflexões e meditações, como as procuradas pelo poeta). Porém êle não consegue apoiar-se nessa solução e procura satisfazer também sua inteligência:

“Idéia, o Sumo Bem, o Verbo, a Essência
Só se revela aos homens e às nações
No céu incorruptível da **Consciência!**”

(O. M. p. 60)

(7) *Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins.* (Prefácio de Joaquim de Carvalho) Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 138.

Não mais na Fé, mas em sua **Consciência Moral** encontraria o homem a paz de seu espírito e sua completa realização. Só em seu mundo moral, poderia encontrar o homem um abrigo seguro que o defendesse das tormentas da dúvida.

*

* *

E assim chegamos diante do “homem anterior”.

«Tudo tem sua lei onde adormece:
Tudo que pode olhar, os olhos prega
Nalgum Iris d'amor que lhe alvorece...
Só nós, só nós, a raça triste e cega,
Que a três palmos do chão nem aparece,
Turbilhão de Desejos insofridos,
Que o sôpro do Impossível precipita».

(O. M. p. 42)

“Turbilhão de aspirações”, de desejos, aí está êle abandonado pelos “celestes guias”, debatendo-se nas trevas da dúvida: é o Poeta projetado e integrado numa humanidade inteira. E, numa das reações de otimismo, o Poeta suplanta a incerteza e expande-se confiante na solução achada:

«Ergue-te, então, na majestade estóica
De uma vontade solitária e altiva,
Num esforço supremo de alma heróica!
Faze um templo dos muros da cadeia...
Prendendo a imensidade eterna e viva
No círculo de luz da tua Idéia!”

(O. M. p. 57)

Antero crê na força imensa oculta na alma humana, sente que é nela que se completa a íntima comunhão do **homem** e daquele **princípio eterno** que gerou o universo. Do sentimentalismo do passado o homem herdara as desilusões e o vácuo; da desorganização do presente nascia a inquietude. Era urgente que o homem, portador do sôpro divino, se despojasse dos frangalhos de um Passado cheio de paixões individualistas e voltasse os olhos para o Futuro iluminado pela Idéia, isto é, pelo Saber, pelo pleno conhecimento de suas próprias forças. Uma nova época rica de promessas surgia: **livre, social, racional e positiva**.

O homem, pedra angular da Sociedade, devia necessariamente procurar a perfeição de sua alma, devia seguir o impulso imanente de sua própria natureza que o leva ao Bem Supremo: o conhecimento da Verdade.

"Erga-se o homem, atirando ao vento
O antigo Mal, com trágico arremêso!
(...)

Ver-se-á, com pasmo, erguer-se à imensidade
A águia esp'êndida da verdade!"

(O. M. p. 47)

A Consciência do homem, iluminada pela Idéia, levaria a paz e a harmonia à humanidade. É o dever do homem do presente conhecer o Ideal e pela revolução de Idéias, difundi-lo e collocá-lo no altar dos antigos deuses.

Assim, era a **coletividade** o que mais preocupava Antero; suas soluções visavam sempre harmonizar o homem com o próprio homem; e ainda uma vez não é filosófica ou intelectual a solução proposta:

"Amor d'irmão! Ó, êste amor é doce,
Só êle pode a ara sacrossanta
Erguer, e um templo eterno para todos.
(...)

Um coração e mil desejos doidos!
Mas dá lugar a todos a Cidade,
Assente sôbre a rocha da Igualdade.

Ê dêsse amor que falo! e dêle espero
(...) enquanto vais abrindo.
Sôbre o ninho onde choca a Unidade,
As tuas asas d'águia. ó Liberdade!"

(O. M. p. 120)

A "unidade" no homem devia significar, com certeza, a verdade integral, a que se chega não pelo raciocínio ou pelas paixões, mas pela intuição, pela fé, pelo amor. Só então o espírito humano alcançará sua LIBERDADE.

Para Antero, a Vida deveria chegar à sua mais plena expressão quando, liberto o espírito pelo conhecimento e prática do Bem e do Amor universal, os homens se iguallassem irmãos na conquista de um Ideal comum. Aperfeiçoando-se o

homem, o mundo aperfeiçoar-se-ia, e o Futuro aparece diante do poeta numa visão otimista:

“Há-de crescer, essa árvore divina! (o futuro)
Porque a vida às duas largas fontes,
Verdade e Amor — e a seiva que a alimenta
É a Idéia... e é o chão a HUMANIDADE!”

(O. M. p. 120)

*

* * *

O mundo anteriano fundamenta-se, pois, em sua concepção do homem, uma vez que, como vimos, tôda busca, todo o raciocínio, tôda a exortação do poeta visa valorizar o homem como a mais poderosa realização física da Idéia, ou seja, do princípio eterno. No espírito humano, o poeta vê o princípio e a razão da vida; e assim é o homem elevado a um estado quase divino. Em sua alma concentra-se a fôrça do universo... O homem agiganta-se na sua fôrça vital dirigida pelo Saber, em direção da Verdade.

O “depois da vida” não foi abordado pelo Poeta. Em nenhum de seus versos entra a indagação do “depois”, do “quando a morte chegar”, e essa ausência de colocação de problema tão angustioso para o homem leva-nos a idealizar como eterno o “homem anteriano”, e por isso mesmo, **utópico**.

O homem é mortal, só seu espírito é eterno. Daí Antero nos dar a impressão de haver criado um Superhomem, **intemporal** e **inespacial**, um ser que não tem sentido no imperfeito mundo humano que nos cerca.

Entre êsse Superhomem e a Natureza havia uma estreita correlação, pois ambos eram gerados pelo mesmo germe criador. Como já tivemos ocasião de notar mais atrás, a Natureza em Antero não é estática, é essencialmente dinâmica. O princípio supremo da Idéia é imanente à matéria, ali está em seu âmago, impulsionando-a em direção à suprema realização de suas formas, tal qual age no homem, aninhado em seu espírito, levando-o ao supremo conhecimento das coisas.

A natureza era para o Poeta a realidade física fecundada pelo princípio gerador.

Chegando a êsse último elo do Mundo Anteriano, vemos que êste seria um mundo perfeito, se não fôsse utópico. Ê êle a superidealização de um universo que não conseguiu encontrar o caminho para chegar à ação concreta e ficou eternamente suspenso no céu das Idéias Puras. O objetivo do Poeta era grandioso demais: visava a salvação da espécie humana, imersa na ruína das religiões e no árido relativismo das ciências.

O próprio Antero deve ter tido a aguda consciência da impraticabilidade de seu mundo ideal, que só poderia florescer entre homens moldados dentro duma mesma sólida estrutura moral, idealista e generosa. Um mundo, onde a ambição e o egoísmo não teriam lugar. Foi, talvez, essa amarga constatação de fracasso, acentuada pela sua solidão espiritual, que o levou àquele derradeiro gesto na Ilha de São Miguel.

Seria fuga a um mundo imperfeito e mesquinho que êle não conseguira explicar ou modificar? Seria uma última e extrema tentativa de conhecer o que escapa à simples percepção humana? Impossível responder... E isso agora pouco importa. O que importa, afinal, é o mundo poético que êle nos legou; um mundo "real" cuja magia nos mergulha em caminhos sempre novos... pois êle contém em si a maravilhosa capacidade de se renovar através do olhar de cada geração que sôbre êle se debruça... Arte, a sempre-viva...

*

* *

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DÊSTE ESTUDO

In Memoriam (de Antero de Quental) Pôrto, 1896.
Hernâni Cidade — A Obra e o Homem. Lisboa, Arcádia, 1962.

TEXTO QUE SERVIU DE APOIO À ANÁLISE

Antero de Quental — Odes Modernas. Lisboa, Edição Couto Martins, 1952.